

MODELOS DE REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA E REALIDADE SOCIAL

nos relatos alemães sobre Portugal
em meados do século XIX

ALFRED OPITZ

Suum cuique

Que a «vaidade» seja um dos traços mais salientes do carácter nacional português é o que pretende uma grande parte dos viajantes estrangeiros quando, nos séculos XVIII e XIX, escrevem sobre Portugal. Um escritor silesiano, que conhece pelo menos alguns destes autores, afirma, porém, não chegarem ainda tais defeitos como «justificação para vários juízos injustos e desculpa para muitas representações ofensivas que se deram, umas quantas vezes, a partir unicamente duma visão superficial e duma apreciação insuficiente sobre o povo português. *Suum cuique*.» ⁽¹⁾. Por seu lado, ao

(1) *Reise-Fragmente aus Nord und Süd gesammelt in Spanien, Portugal und Schweden durch L. von Helmrich* (Fragmentos de viagem recolhidos na Espanha, Portugal e Suécia por L. von Helmrich), Breslau, 1859, p. 260 (Citações traduzidas pelo autor do artigo que agradece a Alberto Pimenta o seu contributo na tradução).

escrever sobre «Os livros de viagens em Portugal no Século XVIII e a sua projecção europeia», um autor português do nosso tempo mostra-se firmemente convencido de que os observadores estrangeiros, «enganados ou enganadores» todos eles, não conseguem dar «uma imagem autêntica» — para ele evidente — «do país e da sua gente» ⁽²⁾; uma apreciação positiva de Portugal seria, por conseguinte, um sinal de objectividade.

Outras citações poderiam ainda vir aumentar esta confusão qualificativa, e põe-se a pergunta: Quem é aqui, no fundo, o vaidoso, e quais as imagens que surgem neste jogo de espelhos deformadores onde cada um se julga ver a si próprio e aos outros? Ou será esta diferença também uma faceta específica da evolução histórica da subjectividade? Talvez, nos tempos modernos da Europa, a manifestação mais corrente e mais elementar da vaidade seja falar e escrever e continuar assim sem nunca mais parar. Poder o sujeito desaparecer no silêncio é temor que se manifesta sempre de novo nos textos do século passado. Nesta perspectiva, também a literatura de viagens é um sintoma de problemas de identidade.

* *

Nos anos 30 e 40 do século XIX, Portugal tornou-se alvo da atenção pública na Alemanha: assim, foi editada uma série de relatos originais e interessantes (Eschwege, Heeringen, Hahn-Hahn, Wittich, Lichnowsky; as traduções de Kingston e Hughes) ⁽³⁾. Também surgiu, com o contributo da imprensa

⁽²⁾ Castelo Branco Chaves, *Os livros de viagens em Portugal no Século XVIII e a sua projecção europeia*, "Biblioteca Breve", Lisboa, 1977, pp. 13, 27, 42.

⁽³⁾ *Portugal. Ein Staats- und Sittengemälde in Skizzen und Bildern nach dreißigjährigen Beobachtungen und Erfahrungen von W.L. von Eschwege* (Portugal. Um quadro do estado e dos costumes em esboços e imagens segundo observações e experiências de trinta anos por W.L. von Eschwege), Hamburg, 1837.

Gustav Adolf von Heeringen, *Meine Reise nach Portugal im Früh-*

periódica, uma ampla informação política e etnográfica, a merecer igualmente estudos de pormenor. É certo que as novas relações dinásticas entre os dois países (D. Maria e os seus dois maridos alemães), e as questões controversas da época (constitucionalismo versus legitimismo) explicam em grande parte a actualidade do tema «Portugal». Nos anos 50, este interesse público diminui sensivelmente, o que pode ser atribuído não só a uma constelação diferente das preocupações políticas depois da revolução de 1848, mas também a uma específica adaptação sócio-histórica às modalidades modernas da viagem. Assim, um dos autores tratados em seguida pode constatar, em 1859, que «na Europa quase não deve haver região menos visitada do que a península ibérica, dado que a maior parte dos turistas se limita a procurar as cidades importantes que podem ser atingidas fácil e confortavelmente em vapores e diligências rápidas, e daí o vasto interior do país ser quase uma Terra Incognita»⁽⁴⁾. A exploração turística da Ibéria cria, pois, zonas de preferência e zonas de

jahre 1836 (A minha viagem a Portugal na Primavera de 1836), Leipzig, 1838.

Ida Gräfin Hahn-Hahn, *Reisebriefe* (Cartas de viagem), 2 vols., Berlin, 1841.

Alexander Wittich, *Erinnerungen an Lissabon* (Recordações de Lisboa), Berlin, 1843.

Portugal. Erinnerungen aus dem Jahre 1842 von Felix Fürst Lichnowsky (Portugal. Recordações do ano de 1842 pelo Príncipe Felix Lichnowsky), Mainz, 1843.

M.B. Lindau, *Portugiesische Land- und Sittenbilder. Nach William Kingston's Lusitanian Sketches* (Imagens de Portugal e dos seus costumes), 2 vols., Leipzig, 1846.

T.M. Hughes, *Das enthüllte Portugal nebst Blicken auf die gegenwärtigen Zustände Spaniens* (Portugal descoberto e olhares à situação actual de Espanha), 2 vols., Grimma, 1848.

(4) Helmrich, *op. cit.*, p. 67. Duma maneira um pouco simplificada, mas justa para a época o autor associa a «Antiguidade clássica» à Grécia e Itália e a «Idade-média romântica» à Península ibérica (p. 1). O interesse do século XIX por esta última, reforçado pelo orientalismo árabe, deve de facto impulsos importantes à literatura romântica sobre a Itália.

vazio, e esta nova organização do espaço pelos meios de comunicação actua também sobre a frequência temática e as convenções da descrição literária.

Enquanto, nos anos 30, um autor como Eschwege, que já tinha vivido e trabalhado largos anos em Portugal, interveio duma maneira significativa com os seus livros e artigos⁽⁵⁾, na discussão pública alemã, uma voz análoga falta completamente a partir de 1850. As *Erinnerungen aus Südeuropa* (Memórias da Europa do Sul), publicadas em Berlim em 1851 por Christian Bellermann, pastor da comunidade protestante de Lisboa entre 1818 e 1824, tratam meramente das «Antigüidades romanas em Portugal»⁽⁶⁾. E na descrição da sua partida, 26 anos atrás, o autor deixa significativamente desaparecer Lisboa no nevoeiro matinal. As *Reisebilder und Skizzen aus der pyrenäischen Halbinsel (...)* (Imagens de viagem e esboços da península ibérica) do geógrafo Friedrich Heinzelmann, igualmente editadas em 1851, apresentam-se já no prefácio explicitamente como viagem fictícia. A obra, cujos capítulos sobre Portugal foram compostos a partir dos relatos de Lichnowsky e Kingston, continua a tradição da literatura didáctica do fim do século XVIII, mas mostra uma série de tendências modernas que vão ainda acentuar-se na ulterior literatura alemã de viagens sobre a Península.

É de notar, em primeiro lugar, que Heinzelmann faz uma montagem de passos dos relatos utilizados com elementos literários pré-fabricados que mostram não ter ele viajado senão no seu gabinete. Aí o viajante «visita» sempre, «põe-se

(5) Entre Janeiro e Outubro de 1838, Eschwege contribuía para o *Morgenblatt für gebildete Leser* (Folha da manhã para leitores cultos), uma das revistas mais lidas deste tempo, com sessenta e dois artigos sobre Portugal.

(6) *Erinnerungen aus Südeuropa. Geschichtliche, topographische und literarische Mittheilungen aus Italien, dem südlichen Frankreich, Spanien und Portugal von Dr. Christian Bellermann* (Memórias da Europa do Sul. Notícias históricas, topográficas e literárias da Itália, do Sul de França, Espanha e Portugal pelo Dr. Christian Bellermann), Berin, 1851, p. 157. As «Antigüidades romanas em Portugal» nas pp. 195-279.

a caminho», «parte», «continua a andar alegremente a cavalo» e «regressa são e salvo». A vivência concreta duma viagem, ainda bastante penosa nesses tempos, vai aqui degenerando em adereços que já não estão ligados a nenhuma aventura individual. Esta tendência do cliché torna-se ainda mais nítida nas descrições da paisagem. Heinzelmann fabrica já postais literários, que apresentam, sobretudo na adjectivação, um grau dificilmente ultrapassável de tipificação. Assim aparece descrita a vista do convento do Buçaco: «À nossa frente estendiam-se os vales férteis e as colinas ondulantes que acabávamos de atravessar; mais além uma vasta planície entrecortada de pinhais com o oceano coruscante de prata ao longe; e toda a linda imagem se recobria dum diáfano véu azul através do qual transparecia a face resplandecente da natureza» (7). Como não pode deixar de ser, as montanhas são «românticas» e «pitorescas», a noite «calma e amena», o camponês «honesto» e as campinas «verdejantes».

Nos passos retirados dos relatos autênticos, Heinzelmann não se limita apenas a uma utilização literal; nivela o texto duma maneira que contraria, às vezes frontalmente, as intenções descritivas e informativas dos autores dos quais se apropriou. É evidente que estas modificações não só se devem à tendência didáctica da série onde está integrado este volume como pretendem criar um clima harmonioso e aceitável da viagem, através da eliminação de contradições e pormenores descosidos. Desta maneira, o viajante sem-sair-de-casa desenvolve modelos de descrição aproblemáticos no conteúdo e na estética, tal como vêm a aparecer depois muito mais tarde por exemplo nos prospectos turísticos, e numa literatura de viagens trivializada que se transforma em repositório de textos pragmáticos comerciais.

(7) Friedrich Heinzelmann, *Reisebilder und Skizzen aus der pyrenäischen Halbinsel nebst Blicken auf die Länder des mejicanischen Golfes und California* (Imagens de viagem e esboços da Península ibérica com uma vista de olhos pelos países do golfo do México e Califórnia), Leipzig, 1851, p. 327.

Os vários livros de Heinzelmann, publicados numa coleção chamada *Weltkunde* (conhecimento do mundo), anunciam o modelo da viagem turística que começa a impor-se tanto na literatura como na prática social, a partir da segunda metade do século XIX. Caracteriza-se aquela pela sequência de vivências normalizadas (quadros típicos da «vida popular», motivos da pintura paisagística, visitas de lugares históricos, etc.), ligadas a um rumo definido e reproduzíveis em qualquer momento. Às viagens na Península nos séculos precedentes faltava ainda a dominância estética do cliché, apesar de ser já a representação literária sujeita às normas das diferentes épocas. Além disso, as dificuldades práticas da viagem, muito embora sempre deploradas (itinerários perigosos, abastecimento insuficiente, acidentes e assaltos), garantiam uma experiência individual que se perde com o carácter normalizado das possibilidades de comunicação. Neste ponto, o progresso técnico e cultural tem efeitos ambivalentes; não diminui só os perigos e incómodos da viagem, mas favorece também a fácil reproduzibilidade da «aventura» e o cliché institucionalizado.

Uma mudança nas convenções literárias da representação assim como na justificação histórico-filosófica do interesse pelo estrangeiro manifesta-se também nos *Reise-Fragmente aus Nord und Süd gesammelt in Spanien, Portugal und Schweden durch L. von Helmrich* (Fragmentos de viagem do Norte e Sul coleccionados em Espanha, Portugal e na Suécia por L. von Helmrich), publicados em 1859 em Breslau «à custa do autor» do qual já tinha antes saído a lume uma obra semelhante sobre *Europa und Ägypten* (2 vols., Breslau 1848-1850) e umas páginas de *Psychologische Meditationen* (Meditações psicológicas, Breslau, 1852). O autor desconhecido dos dicionários biográficos correntes ⁽⁸⁾ não se distingue por qualidades literárias particulares; tematiza, porém, algumas

⁽⁸⁾ A obra básica de E.A. Strasen e Alfredo Gândara (*Oito séculos de história luso-alemã*, Berlim, 1944) não indica nem Heinzelmann nem Helmrich.

contradições que fazem da sua obra um documento elucidativo sob vários aspectos na literatura de viagens ibérica do século XIX.

Sobre o motivo e as circunstâncias concretas da sua viagem Helmrich nada diz. Leva tão longe a sua aversão a uma descrição individualizada que não conta nunca vivências pessoais e evita cuidadosamente qualquer semelhança com uma narrativa de viagens. Dado que Helmrich aborda só de passagem a literatura precedente sobre Portugal, é pouco provável que entenda a sua obra como reacção ao subjectivismo sentimentalizante e falador que cultiva por exemplo Ida von Hahn-Hahn nas suas *Reisebriefe* (Cartas de viagem). O procedimento literário do autor baseia-se num método fundamentado num materialismo filosófico que implica uma representação sintetizante e objectivante. Mas a subjectividade do autor, apesar de todos os esforços formais, não deixa de se manifestar acidentalmente, como quando concede às mulheres portuguesas «muitos encantos capazes de exercer uma perceptível força de atracção»⁽⁹⁾. Sobre o significado de tais manifestações inesperadas duma emocionalidade normalmente reprimida teremos ocasião de falar ainda.

Helmrich começa a sua descrição de Espanha, Portugal e Suécia sempre com um resumo histórico, incluindo referências à situação física, económica e política do país. Depois seguem-se capítulos sobre as cidades e regiões mais importantes; no tocante a Portugal, são tratados «Lisboa», «Os arredores», «Cintra», «Oporto» e «Galiza», por conseguinte uma série de temas inteiramente convencionais. A história de Portugal é apresentada como génese duma «crise» secular que, com a expansão da «teocracia romana» no século XVI e o aparecimento da inquisição e do jesuitismo, teria levado à total «degeneração mental do povo» e a uma «servidão supers-

⁽⁹⁾ Helmrich, *op. cit.*, p. 261. Apesar desta apreciação, o autor dá como assente uma «intensidade menor da faculdade de pensar» (p. 51) e uma «maior formação e um poder mais completo» de todas as paixões na mulher (p. 338).

ticiosa». As «perturbações políticas dos últimos 40 anos: mudanças de dinastias, guerras civis, revoltas populares e militares e modificações da constituição» são para Helmrich «tendências necessárias» a um «acesso penoso a condições mais suportáveis». «Reconfortante é, porém, a consideração de que pelo menos a aurora dum tempo esperançoso começa a levantar-se sobre o lindo país, e, ainda que lenta a elevação do povo a um estado superior, tal regeneração é no entanto inconfundivelmente um facto»⁽¹⁰⁾. A metafórica vertical do movimento histórico e a categoria da «necessidade», a «conformidade de efeitos pelas mesmas causas» constatada por diversas ocasiões, designa a contradição fundamental duma visão do mundo que, por um lado, insiste num realismo materialista e, por outro, não quer distanciar-se do postulado duma evolução ética da sociedade. Que esta pode integrar-se pelo menos em teoria num determinismo filosófico mostra-o, à sua maneira, o materialismo histórico da mesma época.

A crítica política e económica de Helmrich deve-se manifestamente ao iluminismo e ao liberalismo, quando denuncia os restos «dum passado corrompido» como «sobrecarga fiscal, repartição desigual dos impostos sobre as terras segundo registos medievais, falta de instituições de crédito para melhorias e vias desleixadas de comunicação». A contrapor a estes males, defende uma redução do exército, «diminuição do efectivo de funcionários, depois da abolição dum serviço administrativo extenso que tutela tudo» e «redução dos elevados gastos da corte». A «incompetência, preguiça e corrupção da função pública» tinham já sido salientadas na literatura de viagens anterior, mas Helmrich ainda pode constatar: «De resto os funcionários do estado têm um comportamento atencioso e prestável para com o povo que os sustenta, porque qualquer sujeito presunçoso com ares oficiais e governamentais é simplesmente ridicularizado, e qualquer atitude brusca

⁽¹⁰⁾ *Ibidem*, p. 241 e seg. Além da aristocracia e do clero, critica sobretudo a «chamada boa sociedade» e os seus «serões cerimoniais» onde a maioria dos convidados «brilha com a exibição do seu cadáver» e cavaqueia sobre «coisas triviais».

rigorosamente punida» (11). Tais afirmações faltam na actual literatura de viagens sobre Portugal.

Aludindo aparentemente a relatos anteriores, Helmrich diagnostica, no domínio religioso, mais tolerância. Nas grandes cidades, o antigo fanatismo popular e clerical contra heréticos teria desaparecido «tão completamente que o culto protestante não encontra, mesmo na capital, nenhum obstáculo». Surpreendente é, no entanto, o zelo com que Helmrich acusa ainda a inquisição de que só em Portugal teria causado mais de 23 000 vítimas. «A fúria deste tribunal infernal por meio de cárcere, tortura e fogueira, para forçar a fé religiosa, tem sido tão terrível em Portugal que ultrapassou ainda a sanha clerical na Espanha». Por detrás destas afirmações já não está o protestantismo iluminado do século XVIII, mas a «fé racional» duma livre autodeterminação ética que não reconhece o dogma institucionalizado e considera unicamente a consciência interior de deus como «conhecimento religioso positivo» (12). Com esta concepção, o autor pode responsabilizar pelo atraso do país, também na Suécia protestante, para além do «particularismo corporativo» e do «burocratismo», o mesmo «obscurantismo» religioso (13).

Enquanto Helmrich, com a sua crítica da «actual degeneração intelectual e material» da Península, se enquadra visivelmente na ideologia liberal, os seus conceitos estéticos, desenvolvidos sobretudo na descrição de Lisboa, apresentam uma deformação curiosa, na qual os modelos de representação típicos do seu tempo são levados ao extremo. Depois dos queixumes usuais sobre a decadência da antiga «rainha

(11) *Ibidem*, p. 250. É característico da tradição liberal a crença na influência da «comunicação rodoviária não só na cultura do país, mas também na civilização dum povo»; as «vias de comunicação e transporte» em «nenhum outro país da Europa» seriam «mais deficientes do que na Península ibérica» (p. 13).

(12) *Ibidem*, p. 252 e segs.

(13) *Ibidem*, p. 348. Designa o «imortal ministro Pombal» como adversário dos jesuitas e reformador enérgico (pp. 241, 255); D. Fernando, natural da Alemanha, é mencionado por Helmrich só em relação com o Castelo da Pena como «rei romântico» (p. 287).

do Ocidente», a magnífica capital ocidental da época das descobertas⁽¹⁴⁾, Helmrich elabora uma « projecção central » topográfica da cidade e seus arredores. A « vista total » desta esplêndida paisagem em grande « na perspectiva aérea a partir do cume mais alto da Serra de Cintra » só se acha condicionalmente aceitável por causa dos « contornos indefinidos ». « Assim, a menos elevada *montanha de Casilhas* (sic) perto da fortaleza de Almada, situada na Otrabanda (sic) da margem esquerda do rio, permitirá a posição mais favorável para enquadrar esta paisagem em imagens verdadeiramente pitorescas, para a ver sob adequada iluminação e para a emoldurar em conformidade ». Esta transformação da paisagem em artefactos estéticos é desenvolvida depois com uma consequência sistemática. Helmrich descreve primeiro o « prospecto » do Norte, « que representa, para lá do largo rio coberto de barcos ou da baía, Lisboa vista de frente, rodeada de todas as povoações vizinhas, numa extensão de seis milhas ». O « hemicíclo, situado defronte ou estendido para sul deste panorama incomparável » teria « sem dúvida um carácter menos imponente, mas em compensação as qualidades duma paisagem encantadora ». A vista panorâmica do castelo de Palmela torna-se, com Helmrich, « num dos mais magníficos dioramas de Portugal »⁽¹⁵⁾. As montanhas e colinas na própria cidade ofereciam « pontos de vista » apropriados « para admirar a situação graciosa da capital em todos os pormenores ». As

(14) *Ibidem*, p. 266; as citações seguintes nas pp. 267 e segs. A decadência da cidade atribuí-a Helmrich a « uma confluência de pressão absolutista e enfraquecimento hierárquico, uma união de destruições físicas e abalos políticos até às lutas internas e externas, enfim à perda do grande Brasil » (p. 266) .« A cidade velha com as suas ruelas estreitas e tortuosas, que são ladeadas de altas casas medievais, causa uma impressão um tanto prejudicial ».

(15) *Ibidem*, p. 283. Helmrich integra muitas vezes palavras portuguesas no texto alemão. Assim diz sobre a Arrábida: « Ausgedehnte Selvas von Orangen und anderen südlichen Fruchtbäumen überdecken diese gesegnete Landschaft, aus welcher die Dächer vieler zerstreuten Casaes und Predios, wo die Pflanze wohnen, freundlich über die Baumgruppen hervor ragen » (p. 270).

pequenas mas perfeitas «imagens parciais» produzem aqui um «ciclorama» que «pertence às belezas muito particulares desta cidade das sete colinas». As margens do Tejo, enfim, formam um «pleorama das obras da natureza e dos homens» que «mais nenhum outro rio sabe produzir». Ao «grandioso quadro do Tejo» contrapõe Helmrich depois, com o «anfiteatro de casas» do Porto, um «pleorama sem dúvida mais pequeno, mas tanto mais pitoresco», e «tão lindo como nenhuma outra cidade fluvial na Europa disso é capaz, mesmo sem exceptuar Florença, Turim e Bordéus»⁽¹⁶⁾. As descrições de paisagens e cidades de Helmrich dão um catálogo quase completo dos «media» ópticos correntes nos meados do século XIX, concebidos em forma de construções redondas a partir do «panorama», primeiro implantado na Inglaterra. No «pleorama» eram representadas paisagens de água, enquanto o «ciclorama» deixava deslizar perante o espectador grandes rios com as suas margens. Os conceitos de «prospectos», «cenários» e «telões», pelo contrário, também utilizados por Helmrich, descendem ainda da pintura de palco do século XVIII.

A radical identificação da paisagem com as técnicas de representação institucionalizadas e comercializadas para um público de massa corresponde totalmente, num outro nível, aos postais literários que Heinzelmänn esboça nos seus relatos fictícios. A última consequência desta preferência pelo medium estético já se encontra indicada em 1836 na *Reise nach Portugal* (...) (Viagem a Portugal) de Gustav von Heeringen. O autor visita no Coliseu de Londres um Panorama com a vista da catedral de St. Pauls, e quando sobe mesmo, alguns dias mais tarde, à cúpula, mostra-se desiludido. O tempo apresenta-se tempestuoso, o «cenário em volta inquietante e inseguro». «O prazer no Panorama porém era mais calmo, mais sereno e mais lindo»⁽¹⁷⁾. Aqui, o gosto estético da pai-

⁽¹⁶⁾ *Ibidem*, p. 293.

⁽¹⁷⁾ Gustav von Heeringen, *Meine Reise nach Portugal im Frühjahr 1836* (A minha viagem a Portugal na Primavera de 1836), 2 vols., Leipzig, 1838, vol. 1, p. 98 e segs.

sagem é garantido unicamente pela representação domesticada e livre de incómodos, a imagem disponível a qualquer momento apresenta-se como sucedâneo preferido à natureza.

A dominância das realidades secundárias, que se anuncia na industrialização da representação da natureza no século XIX e que condiciona já nesse tempo, em grande parte, as qualidades emotivas do viajante, só a pouco e pouco, no entanto, se impõe ao público. Helmrich é ainda atormentado em Lisboa pelo «sentimento de incapacidade» de só muito aproximativamente poder dar um retrato condigno de «uma beleza pictórica tal como a natureza unida com a arte ali formou, onde a anatomia é tudo, e uma descrição nada». A discrepância entre vivência e representação transforma ainda a viagem num acontecimento único; ela deixa impressões, como Helmrich constata em Estocolmo, «que, pertencentes aos momentos principais da vida peripatética, permanecem inextinguíveis para todo o sempre»⁽¹⁸⁾. A diferença entre norma e exceção determina ainda o turismo moderno, que tem de vender as suas viagens industrialmente organizadas como experiência única. Esta obrigação é já insinuada na reflexão de Helmrich, em Lisboa, de «que o valor da existência não reside na vida trivial de todos os dias, e ainda muito menos na vida presa dos negócios e serviços; mas depende do que aquela possa oferecer de invulgar ao espírito e ao sentimento mais elevado»⁽¹⁹⁾. Assim, para ele, a viagem tem já de contribuir para dar sentido a uma vida, que, sem isso, ameaça perder-se na banalidade burguesa.

O aspecto mais interessante deste relato pertence sem dúvida ao domínio etnográfico, com a descrição da «vida popular» e das tipologias femininas e masculinas que o viajante encontra na Península. Ao contrário de autores anteriores, Helmrich considera os «portugueses como epígonos de tantos povos emigrados»; eles seriam só «uma amálgama de formações ráticas meridionais, sem um carácter nacional

⁽¹⁸⁾ Helmrich, *op. cit.*, p. 366.

⁽¹⁹⁾ *Ibidem*, p. 268.

particularmente saliente». Os homens, pequenos e magros, de rosto cor de um amarelo mongol e olhos penetrantes, não teriam sido favorecidos pela natureza na sua constituição física externa. «Embora o semblante no seu todo contenha traços regulares e finos, a fisionomia dos portugueses revela-se mais astuta e espiadora do que espirituosa e atractiva». Helmrich considera «a vanglória e vaidade, a maneira de caminhar sempre de alto coturno» como o obstáculo principal para Portugal «chegar àquele equilíbrio que as condições limitadas deste pequeno país já exigem categoricamente». A «vontade vaidosa de conservar a aparência exterior da importância desaparecida» impedia o «florescimento do país». Como exemplo de outros defeitos dos portugueses, são mencionados ainda «irascibilidade, sexualidade sensual, preguiça e cupidez», enquanto «por outro lado, várias qualidades, como cortesia atenciosa, espírito prestável e benemérito, bem como a moderação, embelezem o carácter deste povo»⁽²⁰⁾.

Entre os «agentes físicos mais importantes» das «senhorittas (sic) portuguesas», conta Helmrich a carnadura firme e arredondada, o peito cheio, «os negros e longos cabelos e os olhos ainda mais escuros, talhados em forma de amêndoa, que, pese embora todo o seu fogo, não olham de maneira provocante, mas esforçam-se por esconder, se possível, o ardor do ímpeto amoroso que lhes vai dentro». Mas não deixa de ser notado também como acento crítico que elas desfiguram mais do que realçam «a harmonia das formas corporais mais perfeitas». Por outro lado o culto português das relíquias teria a sua razão «na inata sensualidade do povo» que, «educado pelo clero na fé incondicional e, desta maneira, incapaz de perceber o divino com o pensamento», estaria empenhado em fazer descer «o espírito da religião a si, à vida material». A isto ligar-se-ia também a «imoralidade», sobretudo espa-

⁽²⁰⁾ *Ibidem*, p. 260 e seg. Moderação encontra Helmrich também nos divertimentos públicos. «A própria dança não é aqui nenhum paroxismo que põe em perigo a saúde; as pessoas gostam de dançar, mas mais *in tempo giusto* e não com a raiva furiosa dum guerreiro alemão» (p. 263).

lhada na capital. Apesar da «actividade da polícia recentemente alargada», seria impossível «extirpar o proxenetismo, o concubinato frequente e os numerosos bordéis, visto que aqui a pena de morte mal poderia conseguir alguma coisa contra os excessos sexuais. O serviço sanitário era obrigado, devido a esta invencível inclinação para a luxúria, a entregar mais de mil livretes às meninas (sic) de todas as categorias, entre as quais muitas negras e mulatas, que são especialmente procuradas na estação quente»⁽²¹⁾. Também esta relação entre a cor da pele e uma preferência erótica sazonal, que o autor deixa por explicar, baseia-se provavelmente na sua versão da teoria do clima.

Se o *topos* da sensualidade do meridional está generalizado na literatura de viagens, com Helmrich porém mostra-se ligado a um marcado interesse pessoal por este domínio. Assim, dá muitas vezes aos temas usuais uma interpretação picante que não ocorre aos outros autores, ou que lhes parece imprópria para publicação. Acerca dos galegos, por exemplo, diz serem fautores «principalmente da luxúria feminina nas classes populares inferiores» dado que, «na prolongada ausência das suas mulheres que ficaram na terra, não conseguem dominar o estímulo sexual costumado, e encontram, como homens fortes e prometedores, uma recepção pronta nas portuguesas». A propósito dos cães de Lisboa, o autor sente-se molestado com a «inevitável vista duma permanente cópula animal em todas as ruas», já que «estes quadrúpedes não conhecem nenhuma vergonha e não têm o costume de coibir-se minimamente», o que «poderia indignar as virgens que passam com toda a decência»⁽²²⁾.

⁽²¹⁾ *Ibidem*, p. 261 e seg., 274 e segs.

⁽²²⁾ *Ibidem*, p. 279 e seg. Sobre o «desprezo do decoro feminino» no casamento e o «Cornutus» cf. p. 262 e seg. Também o *topos* da maior potência sexual do negro, significativo sobretudo na posterior psicologia do racismo, se encontra no relato de Helmrich; os mestiços teriam em Lisboa «por causa do seu fogo perseverante muita sorte, e funcionam depois com as mulheres experimentadas duma certa idade como chichisbéus permanentes» (p. 279).

Tal como já o fizera Heinzelmann⁽²³⁾, descreve os divertimentos balneares, para Portugal ainda relativamente recentes, na praia da Foz, onde os dois sexos «na maior inocência, misturados uns com os outros, como em Baden perto de Viena, as senhoras em camisas de cor, os cavalheiros só vestidos com um *maillot* curto, se entregam às ondas». Aqui o autor julga poder observar que «muitas vezes na água fria do mar, as delicadas e neurasténicas portuguesas são surpreendidas por câimbras (verdadeiras ou unicamente convulsões eróticas?) e que recuperam os sentidos só depois de um vigorante abraço masculino com friccionamento»⁽²⁴⁾. Às vezes, a imaginação do viajante perde-se em conjecturas mais esquisitas ainda, assim por exemplo quando fala das bailarinas da ópera de Lisboa de quem «se diz que são mestras nas artes de impedir a concepção, para o que as suas temerárias piruetas e 'glissades' perigosas podiam muito bem ajudar»⁽²⁵⁾. Mas como é que as piruetas e passos das jovens bailarinas são na prática anti-concepcionais é o que porém não se explica ao leitor.

O seu ideal erótico importara-o Helmrich aparentemente do Egipto, onde as «exibições de quadros vivos» até «ao desnudamento completo in puris naturalibus» o devem ter impressionado profundamente. Mais perto que as portuguesas destes «mistérios orientais da arte erótica» estão ainda as espanholas e as raparigas ciganas de Granada. O autor estima-as tanto que aconselha os sóbrios alemães e britânicos a «não confiarem demais na sua firmeza virtuosa, dado que já muitos dos tais púdicos haviam sucumbido às tentações

(23) Heinzelmann, *op. cit.*, p. 289 e seg. A sua fonte é aqui o relato de Kingston, que regista uma moda banhar ainda mais apurada e numerosos espectadores nas rochas; «mas tudo fica nos limites da mais severa decência».

(24) Helmrich, *op. cit.*, p. 297.

(25) *Ibidem*, p. 276. Às «cingaras» espanholas de Granada atribui Helmrich «qualidades extravagantes» do dorso simétrico, «certos encantos que no Sul são tão apreciados como procurados» (p. 131).

destas huris orientais» ⁽²⁶⁾. Nas espanholas, Helmrich glorifica sobretudo dois atributos: primeiro, os «pequenos pés com tornozelos finos», porque «base tão grácil só entre as árabes tem par». A segunda preferência, naquele tempo mal denominável directamente, exige do autor em certo esforço eufemístico. Assim, realça nas mulheres de Sevilha, munidas de encantos «excepcionais», a «graciosa beleza da postura, porque esta se estende até à genuflexão nas igrejas, em que, pela maneira de sentar-se nos calcanhares, os contornos plásticos das 'Sedilien' (sic) se destacam opulentas numa postura que jamais se torna a ver ⁽²⁷⁾. Das mulheres de Cádiz diz mesmo que nelas são os «dotes notáveis repartidos, mais do que pelo rosto, pelo corpo e particularmente por aquela parte do dorso que se parece com a tal famosa Venus Calipígia na exuberância das 'Sedilien'» ⁽²⁸⁾. Também nas suecas observa «carnações bem arredondadas» com «hemisférios e 'Sedilien' opulentas». Contudo tem que admitir que o seu ideal quase obsessivo raramente tem cobertura na realidade, porque «a grande maioria das mulheres aqui não está ao mesmo nível dos modelos preferidos, mas tal como na Alemanha, encontram-se muitos esqueletos ambulantes cuja pele é um couro amarelo, ou 'Nolimetanger' vivas que não passam de blusa, algodão, crinolinas, falsos cabelos e dentes» ⁽²⁹⁾. A brutalidade das formulações deixa aperceber mais uma vez bastante claramente o ideal do autor, o desejado contacto corporal com carnações exuberantes.

Este interesse pronunciado pela sexualidade em geral e pelas rotundidades femininas em particular é, pelo autor, legitimado etnograficamente e fundamentado por uma teoria

⁽²⁶⁾ *Ibidem*. Sobre a «tendência sensual predominante na Espanha»: «O reverso desta pintura moral, e sem dúvida muito obscura, origina a luxúria genérica que só encontra satisfação no coitus damnatus, e atormenta os dois sexos quase de maneira igual» (p. 45).

⁽²⁷⁾ *Ibidem*, p. 203. «Sedilien»: forma germanizada, do latim «sedilia».

⁽²⁸⁾ *Ibidem*, p. 235.

⁽²⁹⁾ *Ibidem*, p. 336 e seg.

materialista. No caso da Península pode recorrer a uma teoria modificada do clima, segundo a qual «o organismo físico do meridional» é diferente. Um «sangue muito mais quente corre mais rapidamente nas suas veias do que nas artérias do nórdico mais frio, a imaginação trabalha duma maneira mais viva, o sistema nervoso é mais susceptível, e uma casta continência tanto mais difícil quanto mais fortemente todos estes impetuosos agentes impelem à satisfação»⁽³⁰⁾. Como, porém, a «imoralidade», tal na Alemanha e Suécia, reina em Espanha e Portugal, e como mesmo as estatísticas, citadas sempre com a percentagem dos nascimentos legítimos e ilegítimos, não mostram diferenças significativas, o autor encontra-se de vez em quando com falta de provas. Assim, tem de explicar nas suecas, de sangue frio, o «aumento do inato instinto sexual» com a influência da nutrição, e justificar o número, relativamente baixo em comparação com a Alemanha, de nascimentos ilegítimos em Espanha, com os meios geralmente conhecidos para prevenir a concepção. Tais considerações mostram, de novo, com que arbitrariedade os factos podem ser funcionalizados na literatura de viagens.

A visão «materialista» do autor implica um progresso para as modalidades de representação na literatura de viagens, na medida em que predispõe mais à aceitação dum comportamento social diferente, visto que «*in nuce* o espírito ou a vida psíquica é unicamente uma emanção do organismo». Esta atitude conduz a um relativismo cultural que parte da convicção de que «uma espiritualidade absoluta no interior duma existência limitada no espaço e por conseguinte totalmente corporal é contra a natureza» e leva à conclusão de que «agora *semel pro semper* os desvios no instinto sexual, enquanto o organismo humano for formado de oxigénio, hidrogénio, carbono e azoto, não podem ser julgados com um rigorismo de velha virgem, que nunca leva a nada»⁽³¹⁾. Helmrich não se cansa pois de sublinhar que o puritanismo

⁽³⁰⁾ *Ibidem*, p. 45.

⁽³¹⁾ *Ibidem*, p. 347.

alemão ou inglês não é um critério adequado para julgar o comportamento social ibérico. A sua convicção de que o «espiritualismo ideal» deve «dar lugar ao progresso real das ciências naturais exactas» manifesta-se na área religiosa através de uma crítica dos mitos segundo o exemplo de Strauß e Feuerbach⁽³²⁾, embora Helmrigh não abandone a ideia duma progressiva evolução vertical da natureza, que atinge com a razão humana o seu «ponto culminante», ideia recolhida na filosofia romântica da natureza e no idealismo hegeliano.

Aplicado à literatura de viagens e às suas possibilidades de representação, isto significa que os observadores estrangeiros não devem ser «nem censores nem ascetas»⁽³³⁾. Helmrigh fecha o seu relato com a afirmação de que se produz «necessariamente a progressiva dissolução da teologia transcendental na antropologia, da metafísica na realidade da vida, da consciência rigidamente religiosa na consciência humana»⁽³⁴⁾. Que a sua própria obra só parcialmente pode cumprir esta pretensão, mal lhe pode ser assacado. Também a literatura de viagens posterior se fechará ainda muitas vezes à realidade social e contentar-se-á com os modelos pré-fabricados da experiência e da percepção, que encontram o seu enquadramento organizador no turismo de massa. Helmrigh pelo menos aborda a realidade das suas obsessões e tenta uma apreciação relativamente imparcial do estrangeiro, renunciando a utilizar o comportamento idealizado do homem da Europa central como norma universal.

(32) A obra principal de David Friedrich Strauß, *Das Leben Jesu* (A Vida de Jesus), é de 1835-36, *Das Wesen des Christenthums* (A essência do Cristianismo) de Ludwig Feuerbach foi publicado em 1841.

O racionalismo de Helmrigh descarrila às vezes completamente, assim p. ex. quando insiste na necessidade da guerra, como «maior expressão da força», «apesar de todos os apóstolos da paz» (p. 328), e postula uma sobrevivência física depois da morte num outro planeta, porque o «reino celeste teológico como reino espiritual das almas» seria só «uma simples fantasia» (p. 395).

(33) *Ibidem*, p. 237.

(34) *Ibidem*, p. 379.

As contradições e imperícias da sua argumentação, assim como as concessões aos clichés estéticos de representação da paisagem, não podem ser atribuídas meramente à incapacidade literária do autor. Ilustram como é ainda difícil, em meados do século XIX, sair dos paradigmas do iluminismo e do romantismo. Para Helmrich, esta dificuldade concretiza-se na incongruência dos modelos literários de representação e da realidade concreta, nesta diferença permanente entre vivência e descrição, que é a que elabora, mais ou menos conscientemente, qualquer literatura de viagens. A descrição cristalizada em cliché torna possível a identificação da experiência no texto, também esta uma constituinte principal na leitura da literatura «trivial». Mas fixa ao mesmo tempo uma insuficiência, sobre a qual medita já Goethe com um evidente mau-humor em «Viagem a Itália»⁽³⁵⁾, obrigado a constatar, como quase todos os autores de relatos de viagens, que a literatura falha duma maneira francamente humilhante perante a intensidade do momento; quer este seja «prazer visual do olhar entusiasmado»⁽³⁶⁾ diante da paisagem nunca vista, ou deleite máximo da beleza humana. Neste sentido, o *topos* do indizível, utilizado várias vezes por Helmrich, não é só um floreado tradicional; designa uma fronteira que o texto, por definição, não consegue ultrapassar. O relato sobre a Península de 1859 ilustra as duas possibilidades de subtrair-se a este dilema. Ou tenta, quando se introduz na realidade social e na realidade dos próprios desejos, deixar apesar de tudo falar o indizível, ou cai resolutamente no cliché que recolhe a vivência pelo menos na forma do sucedâneo comercial. Se Helmrich termina os seus capítulos sobre Portugal e Galiza dizendo que os dois rivalizam «em encantos naturais»

(35) Johann Wolfgang Goethe, *Italienische Reise* (Viagem a Itália), 3 vols., Frankfurt am Main 1976, vol. 2, p. 676 e seg. A reflexão sobre função e limite da literatura está integrada nas páginas sobre a «Quarta-Feira de Cinzas» do carnaval romano.

(36) *Italienisches Bilderbuch von Fanny Lewald* (Livro ilustrado da Itália de Fanny Lewald), 2 vols., Berlin, 1847, vol. 1, p. 14.

para «fixar a recordação feliz da península ibérica para o resto da vida» ⁽³⁷⁾, este juízo significa também que a presença da memória precisa da imagem para salvar a experiência passada do esquecimento. O viajante do século XIX deixa ainda entrever o condicionamento do olhar orientado para atingir esta duração, em si impossível.

⁽³⁷⁾ Helmrich, *op. cit.*, p. 301.